

O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani The sky is the limit: how to exceed the strict rules of the Guarani ceramics

Gislene Monticelli¹

Resumo: A cultura Guarani, entendida de modo generalizante, pode ser considerada como a manifestação de uma sociedade prescritiva, as análises e interpretações das vasilhas de cerâmica (ou os fragmentos destas), confeccionadas pelas ceramistas Guarani no passado, por um lado, demonstram um apego às normas estilísticas e às regras tecnológicas bem definidas. Alguns aspectos, como forma e função, foram fundamentais para que as vasilhas pudessem ser reconhecidas e assim tivessem a garantia de utilização adequada, seja em atividades cotidianas ou rituais ao longo do tempo. É possível encontrar alguns casos em que houve a modificação de aspectos, que demonstram a capacidade e a vontade das ceramistas em inovar. São ilustrados exemplos de inovações em uma coleção de fragmentos e vasilhas encontradas em sítio arqueológico às margens do rio Pelotas, na divisa dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ao final dos anos de 1990, por ocasião do salvamento do patrimônio ameaçado pelo impacto de um empreendimento de grande porte. A cerâmica obtida neste sítio demonstra uma autêntica 'fábrica de idéias'. Desta forma, acreditamos ser possível resgatar informações que são fundamentais na busca da compreensão da cerâmica guarani obtida em nossas pesquisas arqueológicas, ajudando a compreender o que a faz única e, ao mesmo tempo, tão diversa.

Palavras-chave: Cerâmica. Guarani. Arqueologia.

Abstract: Although we may consider the Guarani culture, seen in a general way, as a manifestation of a prescriptive society, analyses and interpretation of the ceramic vessels, made by the Guarani potters in the past, show a strong attachment to well defined stylistic and technological rules. We understand that, actually, some aspects, as form and function, were critical for the vessels to be accept and this way granted their adequate use, either in daily activities or in rituals along time. On the other hand, however, it is possible to find some cases where there were some changes in the vessels which show the ceramists' competence and desire to innovate. Our aim is to show, by observing examples of innovations in a collection of fragments and vessels found in an archaeological site by the banks of the Pelotas River, on the borders of the States of Rio Grande do Sul and Santa Catarina, by the end of the 1990's, when archaeologist were conducting a cultural resources survey and excavations in advance to a construction of a reservoir. The ceramics obtained in the site shows an authentic 'idea factory'. Thus, we believe it to be possible to recover fundamental information for a fully comprehension of the Guarani ceramics found in our archaeological research helping to understand what makes it unique and, at the same time, so diverse.

Keywords: Ceramics. Guarani. Archaeology.

¹ Universidade Luterana do Brasil. Professora do Curso de História. Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil (gislennemonticelli@yahoo.com.br).



INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1997 e 1999, estivemos, ao longo de doze meses, trabalhando na região do Alto Uruguai, junto ao rio Pelotas, na divisa dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, devido à necessidade de pesquisa arqueológica como exigência do licenciamento ambiental para a implantação da Usina Hidrelétrica Machadinho.

Houve pesquisas na área, em função da perspectiva de construção das então chamadas barragens de Itá e Machadinho, desde o ano de 1980, em parceria estabelecida entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com a participação de equipe composta, respectivamente, pelos arqueólogos Mariland Goulart, Pedro Ignácio Schmitz e Fernando La Salvia, no chamado Projeto Arqueológico Uruguai (PROJETO, 1980; GOULART, 1980; LA SALVIA, 1980).

Na seqüência dos trabalhos, a pesquisa arqueológica na Usina Hidrelétrica Machadinho ficou sob a responsabilidade de Fernando La Salvia, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), juntamente com os colegas José Proenza Brochado (UFRGS) e Guilherme Naue (PUCRS) (PROGRAMA, 1988/89), em convênio estabelecido entre o Museu de Ciências da PUCRS com o empreendedor, ELETROSUL, Centrais Elétricas S. A.¹

Na década de 1990, ao longo das diferentes etapas em campo (VISTORIA, 1997; RELATÓRIO, 1998;

RELATÓRIO, 1999; SALVAMENTO, 2001), sob a coordenação de José Proenza Brochado, foram localizados 64 sítios arqueológicos, entre estes o sítio arqueológico identificado pela sigla U-470, encontrado na margem esquerda do rio Pelotas, em área do município de Machadinho, Rio Grande do Sul.

O sítio U-470

Nas diferentes atividades de coleta superficial, resgate² e escavações realizadas neste sítio, foram identificadas e analisadas mais de 10 mil evidências materiais, sendo 677 artefatos líticos (HOELTZ *apud* SALVAMENTO, 2001), 8.186 materiais cerâmicos (BROCHADO *apud* SALVAMENTO, 2001) e 2.091 evidências osteo-malacológicas (DOMIKS, 2001) associadas, principalmente, à presença de ossos de mamíferos, moluscos e, em menores quantidades, restos de aves e peixes (RICKEN, 2002).

Dali foram removidos grandes fragmentos de vasilhas de cerâmica e ainda foi possível a abertura de algumas quadrículas em áreas preservadas. A obtenção de carvão tornou possível a datação com uso do método de radiocarbono, no laboratório Beta Analytic Inc., em Miami, EUA. A amostra (Beta 113973) resultou na data de 450 ± 70 A.P., cuja calibração aponta para os intervalos: Cal. A. D. 1.395 a 1.530 e Cal. A. D. 1.545 a 1.635 (95% de probabilidade).

Propomos aqui observar a diversidade encontrada na cerâmica³ deste sítio, considerando o universo conhecido para a cerâmica Guarani como aquele

¹ Com o processo de privatização, um consórcio de empresas assumiu a obra.

² Identificado assim porque foi recolhido grande número de fragmentos abandonados junto à vala escavada por moradores da região ou apreendidos em seu poder, tais como vasilhas, objetos ou fragmentos (1998). A criação de canais foi feita por máquina pesada, solicitada à prefeitura local por dois agricultores, caçadores de relíquias, como pedras semipreciosas, vasilhas e artefatos líticos. As evidências retiradas ilegalmente foram apreendidas pela Polícia Federal e o material arqueológico foi devolvido aos pesquisadores e pôde ser analisado.

³ As demais evidências materiais foram analisadas e resultaram em duas dissertações de mestrado (COSTA, 2000; RICKEN, 2002), além de vários artigos (COSTA, HILBERT e HOELTZ, 1999; MONTICELLI, BROCHADO e DOMIKS, 1999; SYMANSKY, 1999).

que se caracteriza pela reprodução de aspectos em sua cultura material ao longo do tempo (BROCHADO, 1975, 1980, 1987; LA SALVIA e BROCHADO, 1989).

André Jacobus⁴ (comunicação pessoal, agosto 2005) argumenta que os indígenas falantes de línguas classificadas na família lingüística Tupi-Guarani são populações que guardam diferenças entre si, diferenças essas que possivelmente terão implicado em variações nas vasilhas de cerâmica que produziam. Entende assim que não é recomendável generalizar.

Noelli (1999, 2000) afirma que:

É preciso reconhecer que os Guarani representam diversas populações que tinham em comum língua, cultura material, tecnologia, subsistência, padrões adaptativos, organização sociopolítica, religião, mitos, etc. Há, evidentemente, variações em nível dialetal, de adaptabilidade e de etnicidade. Em que pese a necessidade de mais estudos, verifica-se entre os Guarani diferenças que não aparecem em nível material.

Ainda que concordemos que são limitadas as análises que consideram os Guarani como uma população única, sem levar em consideração as parcelas em que se encontravam divididos (e ainda se encontram, mesmo que hoje combinadas de forma diferente), sabemos o quanto terão sido tradicionais, de modo geral, na reprodução de muitos aspectos culturais ao longo dos últimos dois mil anos, inclusive aí, na produção e, o que poderíamos chamar uma

'reprodução' ou repetição de características semelhantes na confecção de suas vasilhas de cerâmica.

Embora não se possa associar nenhuma das parcialidades citadas como remanescentes das sociedades arqueologicamente conhecidas, deve-se considerar ao menos que o território já era conhecido e habitado pelos Guarani desde longa data. As datas publicadas para a ocupação dos Guarani no Estado iniciam a partir do ano 100/200 d.C.⁵ (SOARES, 1996, p. 61)

Noelli e Soares (1997, p. 101) sugerem uma série de aspectos para analisar nas cerâmicas dotadas em sítios arqueológicos e afirmam que:

Se por um lado a continuidade material dos grupos Guarani é inegável, conforme demonstram (BROCHADO, 1984 e NOELLI 1993) - ao mesmo tempo que a unidade lingüística é atestada pelos diversos dicionários históricos e atuais - por outro lado reconhece-se a existência de diversas parcialidades que foram paulatinamente exterminadas pelo contato com o europeu ou incorporadas pelas atualmente conhecidas, como os Mbyá, os Kayová e os Nandeva (GARLET e SOARES, 1995, NOELLI e SOARES *apud* 1997, p. 101).

Reconhecemos que nos escapam detalhes que certamente podem ser encontrados em análises⁶ mais apuradas, de modo a reconhecer, por exemplo, até mesmo semelhanças nos traços dos motivos pintados que podem indicar sua produção por uma mesma ceramista, ou a diferença na pintura de duas vasilhas, indicando uma jovem aprendiz e outra ceramista mais experiente, entre tantos outros aspectos.

⁴ André Jacobus tem pesquisas sobre a cerâmica Guarani e algumas publicações sobre o tema (JACOBUS, 1990 e JACOBUS *et al*, 1987, entre outros).

⁵ Brochado (com. pessoal) entende que aquelas datas por volta do ano zero, encontradas no Rio Grande do Sul, distorcem a amostragem em relação a todas as demais datas disponíveis para a ocupação da região, de modo que deveríamos considerar aquelas mais numerosas e um pouco posteriores, que vão desde cerca de 500 D.C. até tempos recentes.

⁶ Sobre análises dos motivos na cerâmica pintada Guarani, ver artigos de Tocchetto (1996) e Prous (2005). André Soares (UFMS) desenvolveu, em 2001, um projeto de pesquisa sobre o assunto e publicou sua dissertação de mestrado (PUCRS, 1997) e tese de doutorado (USP, 2005), tratando de aspectos, sejam etnohistóricos ou arqueológicos, sobre a cultura Guarani. Este arqueólogo e os colegas Saul Milder (UFMS) e Sérgio Klamt (UNISC) (KLAMT, 2005) pesquisaram na Usina Hidrelétrica Dona Francisca, na região central do estado, junto ao rio Jacuí.



No entanto, os conhecimentos que dispomos sobre a cerâmica Guarani arqueológica, se, por um lado, serão sempre limitados por mais estudos que façamos, por outro lado, permitem afirmar que a cerâmica é o aspecto mais bem estudado em relação às demais manifestações da cultura material dessa população.

Diversos trabalhos tem tratado a continuidade cultural dos Guarani durante mais de dezesseis séculos até o contato com o europeu. A evidência arqueológica que permitiu a relação entre grupos etnograficamente conhecidos e seus antepassados históricos e arqueológicos foi a cerâmica, através do padrão das formas e do tratamento de superfície utilizado (NOELLI e SOARES, 1997).

Falta-nos estabelecer diferenças sutis ou até mesmo consideráveis, entre regiões, intra e inter-sítios, entre ceramistas, ao longo do tempo etc., mas faltam-nos estudos comparativos entre coleções e, principalmente, muito trabalho. São centenas de vasilhas inteiras, milhares de fragmentos de cerâmica, muitos sítios arqueológicos descobertos⁷ e muitos sítios arqueológicos ainda inéditos a espera de arqueólogos.

É fundamental lembrar que o patrimônio arqueológico existente *in situ* vem sendo destruído por atividades antrópicas, de forma cada vez mais intensa nas últimas décadas, sejam estas relacionadas à prática agrícola de pequenas e grandes extensões (minifúndios e latifúndios), assentamentos rurais e urbanização e ocorrência de obras de engenharia, especialmente aquelas de médias e grandes dimensões, como empreendimentos de usinas hidrelétricas e os impactos ambientais associados e amplamente reconhecidos (MONTICELLI, 2002; 2005). Nas palavras de

Brochado, mantido esse processo de destruição, chegará o dia em que só poderemos (re)analisar o acervo depositado em museus, instituições de pesquisa e coleções.

A cerâmica Guarani

Entre os Guarani, podemos reconhecer algumas vasilhas ou os fragmentos destas e diferenciá-las daquelas de outros grupos, remetendo a toda discussão relacionada às noções de 'estilo', que não trataremos aqui, mas que dispõem de vasta bibliografia (SILVA, 1999). Consideramos, igualmente, que seu caráter próprio é capaz de marcar as fronteiras étnicas em relação aos demais grupos, especialmente aqueles grupos vizinhos ou inimigos, com os quais se fez questão de marcar as diferenças, ressaltando a própria identidade.

Así mesmo, asumimos que el material cerámico que pertenece a un estilo fue producido por un grupo que compartia ciertas ideas acerca de su producción. [...] El estilo, entonces, es un concepto que por su definición está limitado en su distribución y há sido creado para identificar material cerámico que fue producido por un grupo y la forma en que lo hemos concebido permite destacar du individualidad. (TARBLE, 1982, p. 21-22)

Dito isso, podemos afirmar que há uma série de vasilhas que são consideradas 'cerâmica Guarani'⁸, ou seja, vasilhas confeccionadas por índias pertencentes aos grupos falantes da língua Guarani. Entretanto, além de demonstrar as semelhanças ao longo do tempo, cumpre destacar as diferenças que encontramos em sítios arqueológicos ao longo dos rios Pelotas/Uruguai, especialmente no sítio arqueológico U-470, que trataremos aqui, como estudo de caso.

⁷ Possivelmente entre 700 e 1200 sítios arqueológicos só no rio Pelotas/Uruguai, até o ano de 1990, de acordo com cálculos de Naue, Brochado e Monticelli (1991) a partir de publicações.

⁸ No artigo "Um olhar etnoarqueológico para a ocupação Guarani no Estado de São Paulo" (RODRIGUES e AFONSO, 2002) encontramos informações sobre as diferentes análises e interpretações da ocupação Guarani, especialmente aquelas realizadas em sítios arqueológicos de São Paulo. Destaque ainda para outras referências bibliográficas sobre pesquisas na região sul e sudeste e contribuições da etnoarqueologia.



Procuramos enfatizar a importância dos aspectos como forma e função das vasilhas, não só entre as ceramistas e aquelas mulheres encarregadas do processamento de alimentos, mas entre todos os membros do grupo. Defendemos estes aspectos como os mais significativos, mesmo em detrimento daqueles aspectos tecnológicos, ainda que deles dependesse o êxito na confecção dos vasilhames. Isso porque alguns detalhes técnicos, como a pasta, estão atrelados a argila disponível: o anti-plástico depende das opções a que se poderia recorrer na região, enquanto que dos aspectos forma-função, associados, depende o uso adequado da tralha doméstica.

As formas dos utensílios e sua decoração estão intimamente relacionadas aos contextos sociais em que esses objetos foram produzidos e utilizados (SCHAAN, 1997, p. 18). Associado a isso, os fragmentos de cerâmica são, para os arqueólogos, terreno fértil para interpretações e análises, pois ela (a cerâmica) “representa um dos poucos tipos de objetos que são concebidos e construídos para perdurarem no tempo, talvez para a eternidade, diferente dos artefatos mais efêmeros (...)” (BARRETO, 2005, p. 20).

Não é coincidência, portanto, que tenhamos observado que nos relatos dos Mbyá-Guarani atuais (entrevistados há 10 anos atrás), eles ainda identificam as vasilhas com os mesmos termos em Guarani indicados por Montoya em seu dicionário (1876), cujos vocábulos foram reunidos no século XVII. Os termos são usados tanto para as vasilhas de cerâmica antigas, que observaram no acervo do museu, como também mesmo para aquelas vasilhas que apresentam outra matéria-prima, como plástico, ferro e alumínio, mas que seguem sendo usadas de acordo com sua forma e função (MONTICELLI, 1995).

A cerâmica do sítio U-470

Brochado, com o auxílio de Cappelletti e Steiglich (SALVAMENTO, 2001), realizou a análise do acervo obtido no sítio arqueológico U-470, composto por

algumas pequenas vasilhas, praticamente inteiras, e grandes fragmentos de uma enorme variedade de diferentes vasilhas.

Na análise dos mais de 8 mil fragmentos (8.186) obtidos no sítio, a maioria apresentou, em sua superfície externa, o corrugado (37,80%). Em 23,68% dos casos, a superfície foi estriada e, em 12%, alisada. Na análise da pasta, há o equilíbrio no uso de pasta arenosa (51%) e argilosa (49%). Como antiplástico, foram utilizados areia grossa, hematita, caco moído, calcedônia e quartzo (SALVAMENTO, 2001).

Sobre o uso do corrugado, argumenta-se que “as ondulações aumentam a área externa total da vasilha, permitindo mais rápida absorção do calor quando a vasilha é colocada sobre um fogo aberto”. Sugere-se que, talvez, por limitações de tempo, o valor decorativo das corrugações e o reconhecimento do valor funcional das mesmas seja de frequência intensa que chama atenção: “é interessante que os Guarani tenham empregado as corrugações tão freqüentemente, talvez como um marcador consciente de sua cultura”, conforme foi sugerido por Metraux (1928, p. 246).

Os pesquisadores (BROCHADO, CAPPELLETTI E STEIGLICH. In: SALVAMENTO, 2001, p. 27) entendem que o estriado, por vezes, é confundido com o inciso, escovado fino ou corrugado espatulado. Entretanto, dada a grande frequência de casos, reconheceu-se que esta técnica deve ser diferenciada das demais por apresentar ‘estrias impressas’ ou ‘incisas na superfície quando ainda plástica’, sempre paralelas entre si e com as distâncias iguais para um determinado número de estrias próximas, motivo pelo qual concluiu-se que teriam sido executadas por um instrumento semelhante a um pente.

Este instrumento, com várias pontas simetricamente dispostas, teria sido arrastado na superfície, produzindo estrias que se apresentam na vertical ou inclinada para a esquerda, quando a vasilha está apoiada com a abertura para cima, isto é, perpendiculares na vertical ou em ângulo em relação ao plano horizontal da abertura. Próximo a borda, nota-se claramente as pontas do pente contra a superfície, no início do



processo, e depois as estrias arrastadas para baixo (BROCHADO, CAPPELLETTI; STEIGLICH In: SALVAMENTO, 2000, p. 27).

Entretanto, no caso do sítio arqueológico U-470, devido à improvável associação das estrias e o uso de um pente, optou-se por considerar o tratamento de superfície inciso, dado o grande número de incisões verticais na superfície da vasilha, cujo instrumento de produção não é específico, isto é, não pode ser determinado, mas, ao que tudo indica, não se tratava de um pente. O tratamento de superfície foi classificado como 'inciso vertical paralelo', 'inciso vertical assimétrico' ou 'inciso paralelo em zigue-zague' (e variações relacionadas a largura em milímetros das incisões).

Conclui-se, então, ser necessário diferenciar os tratamentos de superfície estriado, escovado e inciso, que costumam ser confundidos (justificado pela presença na superfície de pequenos fragmentos, o que dificultava o seu exame), mas são distintos em suas características, conforme os seguintes exemplos: se classifica como 'inciso' somente quando os cortes ou incisões são executados sobre uma superfície previamente alisada, sugerindo portanto uma finalidade decorativa. O 'estriado' parece ter servido para produzir o acabamento da superfície obliterando as marcas de roletes, ainda que também seja encontrado sobre superfícies alisadas. A característica que permite sua distinção do escovado e do inciso é o paralelismo de várias estrias contíguas, sugerindo a utilização de um instrumento semelhante a um pente. Enquanto que os riscos do 'escovado' aparentemente tiveram sempre uma utilidade de aplanamento da superfície, fazendo, portanto, parte das técnicas de produção (e não de decoração).

A diversidade na igualdade

A cerâmica encontrada no sítio arqueológico U-470 apresenta evidências que indicam uma 'autêntica fábrica de idéias', onde as ceramistas puderam e/ou quiseram ousar e inovar e os resultados podem ser observados através das ilustrações (Figuras de 1 a

6): são incisões, apêndices, bordas onduladas, formas inusitadas e pintura em 'moldura', só para indicar alguns exemplos.

A alusão que fazemos a expressão tão conhecida o 'céu é o limite', se dá por consideramos que há uma margem 'aceita' de inovações ou alterações sobre as quais não se tem controle ou preocupações em inibir, margem essa que não impede que as vasilhas ainda possam ser reconhecidas entre os pares por sua forma e função. Estes aspectos foram considerados fundamentais em detrimento de outros (BROCHADO e MONTICELLI, 1994; MONTICELLI, 1995; MONTICELLI, 1999).

Entre os Guarani, os padrões encontrados na cerâmica, seja cotidiana ou de uso ritual (mesmo que implique em uso posterior, secundário), remetem diretamente às normas prescritivas que condicionam esta sociedade (NOELLI, 1999-2000). Cada classe de vasilhas estava indicada para determinado uso (MONTROYA, 1876; BROCHADO, MONTICELLI E NEUMANN, 1990). Certamente haveria uma 'margem de negociação' determinada por limites que permitissem, por exemplo, que ela ainda fosse reconhecida como uma panela, diferente das tigelas ou demais vasilhas (LA SALVIA E BROCHADO, 1989).

Cristiana Barreto (2005) afirma que a arte, e conseqüentemente os artefatos, são vistos como transformadores e não apenas como um produto passivo:

Parte-se do princípio que arte e artefatos concretizam as maneiras em que indivíduos percebem e organizam a realidade. O estilo artístico é então visto como um meio ativo de comunicação, o qual através da sua experiência estética, indivíduos ou grupos negociam, definem, afirmam, negam ou impõem relações sociais (Wobst 1977, Hodder 1982, Conkey 1990) (BARRETO, 2005).

Podemos afirmar que o rio Pelotas/Uruguai terá representado uma área de concentração de numerosa população Guarani ao longo do espaço e do tempo, dado o grande número de sítios arqueológicos identificados nos últimos cinqüenta



anos⁹, e a extensão e profundidade de alguns deles. Desta forma, esta região pode ser considerada como uma grande área de atração e expansão destas populações e representa um domínio territorial dos grupos que ali residiam ou se reuniam.

Soares (1996) afirma que “se a cultura material Guarani – atestada pela cerâmica – permanece a mesma desde a data mais antiga até o século XVI, é porque a sociedade que a produziu também se manteve sem alterações significativas”.

Os detalhes encontrados em alguns fragmentos de vasilhas diferem do que usualmente chamamos de ‘baixela’ dos Guarani, isto é, a coleção de vasilhas para armazenar, cozinhar ou servir que dispunham no passado. Destacamos a presença de vasilha com pintura em quadro (Figura 1), ao invés das linhas ou faixas, comumente pintadas com motivos geométricos em duas ou mais cores; vasilha com forma composta, lembrando duas vasilhas unidas e pintura interna com motivos geométricos (Figura 2); vasilha globular com incisões verticais paralelas (Figura 3); vasilha com apêndice (Figura 4); vasilha incisa com borda ondulada (Figura 5) e vasilha elipsoidal e apêndice (Figura 6).

Trata-se de vasilhas que comumente não são encontradas em sítios arqueológicos do grupo, especialmente, no Rio Grande do Sul. Mas, devemos considerar que em sítios arqueológicos do Alto Uruguai têm sido encontradas algumas vasilhas diferenciadas, não encontradas em outras regiões, tais como o *cambuchi yaruquai* ou vaso acinturado. Mas é preciso salientar que estas vasilhas específicas aparecem juntas a todas aquelas que são usualmente encontradas em sítios arqueológicos relacionados à cultura Guarani: tigelas, panelas, pratos, caçarolas, tostadores e jarros.

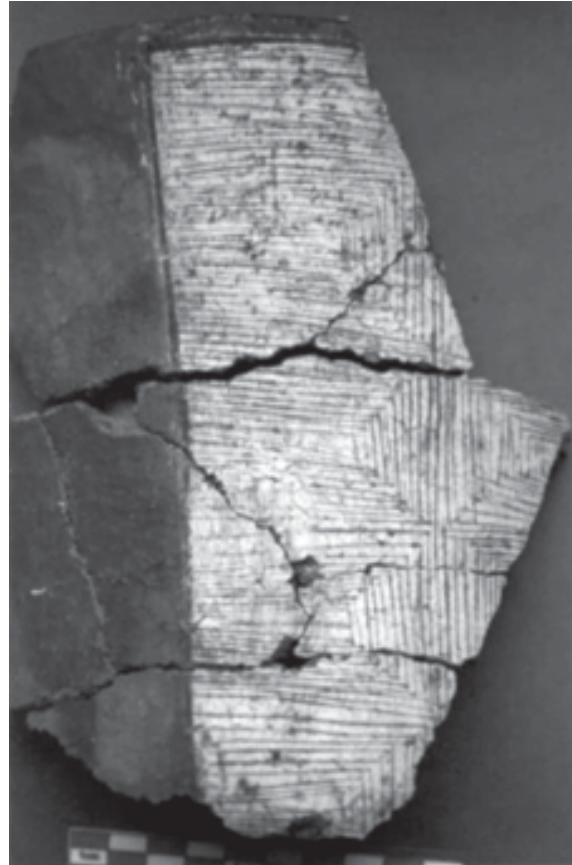


Figura 1. Vasilha com pintura, com fundo branco e motivos geométricos em traços vermelhos, realizado em quadro. Os limites da moldura apresentam linha mais espessa vermelha. Foto: Gislene Monticelli.

Noelli (1999-2000, p. 247-248) afirma que:

As inúmeras fontes indicam que os Guarani eram “radicalmente” prescritivos reproduzindo-se continuamente com pouca variabilidade na cultura material. Caso contrário, a contínua assimilação de pessoas e outras etnias e a adaptação aos ambientes do Sul do Brasil poderiam resultar em mudanças significativas e evidentes.

⁹ Pesquisas realizadas por W. Piazza, E. Miller, G. Naue, P.A. Ribeiro, P.I. Schmitz, M. Goulart, J. P. Brochado, A. A. Kern, F. La Salvia, entre outros (cf. Levantamento de autoria de NAUE, BROCHADO e MONTICELLI, 1991) e, mais recentemente, S. Copé, S. Caldarelli, M. A. De Masi, O. P. Silva, R. Lavina, entre outros, tendo em vista especialmente a intensidade dos projetos desenvolvimentistas implantados na região.



Figura 2. Vasilha com forma composta, lembrando duas vasilhas unidas, e pintura interna com motivos geométricos. Foto: Gislene Monticelli.



Figura 3. Vasilha globular com incisões verticais paralelas. Foto: Gislene Monticelli.



Figura 4. Vasilha globular com tratamento de superfície externa inciso com apêndice. Foto: Gislene Monticelli.

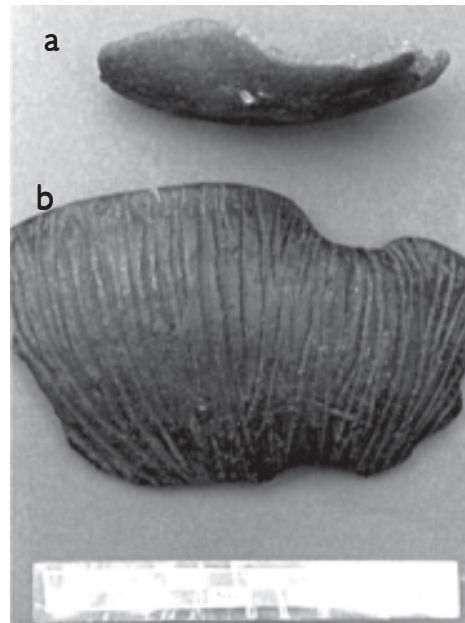


Figura 5. Vasilhas com borda ondulada, superfície externa lisa (vasilha a) e vasilha com superfície externa incisa (vasilha b). Foto: Gislene Monticelli.





Figura 6. Vasilha elipsoidal com traço inciso horizontal e apêndice. Foto: Gislene Monticelli.

Para o autor, isso explica como as pessoas não-Guarani e as 'coisas novas' eram incorporadas e enquadradas nos seus códigos e estruturas:

As novas informações e objetos deveriam ser rapidamente incorporados na rede de significados, o que pode explicar a notória uniformidade de estrutura que amarra os diversos itens que compõem a cultura Guarani (idem).

Brochado e sua equipe (BROCHADO, CAPPELLETI E STEIGLICH In: SALVAMENTO, 2001), por ocasião das análises do material cerâmico obtido no sítio, sugerem duas possibilidades: teria existindo alguma(s) ceramista(s) originária(s) de outro grupo (não-Guarani) ou o grupo teria adquirido, em algum momento de contato, outras técnicas.

É justamente isso que faz o acervo do sítio U-470 tão singular e marcante. Podemos imaginar a importância deste local para a região, a repercussão que estas vasilhas poderão ter causado entre as demais ceramistas e integrantes do grupo. Quem as terá confeccionado? Qual a motivação da(s) ceramista(s) criativa(s)? Resta-nos tentar incluir tais vasilhas inusitadas no universo do que reconhecemos como cerâmica Guarani. Uma das possibilidades é considerar este local como uma oficina de criação

ou uma 'fábrica de idéias'. Senão, como explicar a variabilidade, a diversidade no meio de um universo considerado tradicional e prescritivo? Isso nos remete aos aspectos que fazem a cerâmica Guarani diferente e ao mesmo tempo tão única.

A carência salientada por Barreto (2005, p. 8) para a cerâmica amazônica também é pertinente como preocupação que pode fundamentar nossas pesquisas futuras sobre as vasilhas de cerâmica Guarani com decoração, plástica ou pintada: "falta ainda uma visão geral de como esta arte cerâmica pode nos ajudar a compreender as transformações pelas quais passaram estas sociedades nos últimos séculos ao nível regional mais amplo; de como estilos encontrados na arqueologia da região se relacionam entre si e definem processos de interação e mudança" (BARRETO, 2005).

Tal como fizeram os Guarani no passado, é preciso saber como incluir em nossos modelos os aspectos da diversidade da cerâmica encontrada em sítios arqueológicos como o U-470, de modo que isso ajude a entender a diversidade em meio a singularidade, permitindo que possamos prosseguir com o intuito (ou pretensão) de compreender a cerâmica que terá sido produzida entre os Guarani no passado.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Cristiana. **Arte e arqueologia na Amazônia antiga**. Oxford: Centre for Brazilian Studies. University of Oxford, 2005. 26 p.
- BROCHADO, J. P. Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguarani (A. D. 500-1800). **Anais do 1º Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros**. Santa Rosa: FFCLDB, 1975. p. 76-154.
- BROCHADO, J. P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **Clio**, Recife, n. III, p. 47-60, 1980.
- BROCHADO, J. P. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. **Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste**. **Clio**, Recife, n. 4, p. 85-87, 1987.
- BROCHADO, J. P. e MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-108, 1994.
- BROCHADO, J. P.; CAPPELLETTI, A. M.; STEIGLICH, J. Análise tecnotipológica da cerâmica indígena arqueológica. Fase III. IN: SALVAMENTO Arqueológico UHE Machadinho - Fase III - Reservatório. Porto Alegre: MCT/PUCRS, janeiro de 2001. v. 4: análises do material cerâmico pré-histórico e material histórico.
- BROCHADO, J. P. MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. dos S. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica da cerâmica Guarani arqueológica. **Véritas**, Porto Alegre, n. 140, p. 727-743, 1990.
- COSTA, C. O. **Indústrias Líticas no Alto Uruguai: um exemplo de análise tecnotipológicas em arqueologia de salvamento**. 200. 168 f. + anexos. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre: PUCRS, 2000.
- COSTA, C. O.; HILBERT, K. e HOELTZ, S. Projeto de resgate arqueológico de Machadinho: análise do material lítico. In: KERN, A. A. **O povoamento do Rio da Prata**. Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos, 3, 1999. Programa de Pós-graduação em História. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. CD-ROM.
- DOMIKS, Júnior. Material. Faunístico dos sítios arqueológicos da UHE Machadinho. In: SALVAMENTO Arqueológico em áreas do futuro reservatório da UHE Machadinho (Fase III). Porto Alegre: MCT/PUCRS, 2001. p. 83-126. v. 3: análises do material lítico e análises do material fito-faunístico
- GOULART, Mariland. **Levantamento de sítios arqueológicos na área de inundação das Barragens de Machadinho e Itá, Santa Catarina - Rio Grande do Sul**. In: Projeto Arqueológico Uruguai. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1980.
- JACOBUS, A. L. A cerâmica indígena no sul do Brasil. **Cerâmica**. v. 36, nº 245, p. 21A-25A, 1990.
- JACOBUS, A. L.; CAGGIANO, M. A. e SCATAMACCHIA, M. C. M. Aproveitamento científico de coleções museológicas: proposta para classificação de vasilhas da tradição Tupiguarani. In: SIMPÓSIO DE PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE, 1, 1991, Recife. **Anais...** Recife, v. 1, p. 89-94, 1987. **Clio**: Série Arqueológica n. 4
- KLAMT, S. C. **Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da Tradição Cerâmica Tupiguarani**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. 135 p.
- LA SALVIA, Fernando *et al.* **Relatório das pesquisas arqueológicas na área de Itá e Machadinho**. Projeto Arqueológico Uruguai. Porto Alegre: PUC/ELETROSUL, 1980.
- LA SALVIA, F. e BROCHADO, J. P. A cerâmica Guarani: análise e interpretação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS MISSIONEIROS, 6, 1985, Santa Rosa. **Anais...** Santa Rosa, 1985, p. 193-215.
- LA SALVIA, F. e BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- MONTICELLI, G. **Vasilhas de cerâmica Guarani: uma análise da memória entre os Mbyá**. (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 1995.
- MONTICELLI, G. Análise das informações obtidas com os Mbyá-Guarani sobre suas antigas vasilhas de cerâmica. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 29, p. 233-239, jan/jul, 1999.
- MONTICELLI, G. Alguns problemas e perspectivas na pesquisa arqueológica em obras de engenharia. IV Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira. **Anais...** **Revista do CEPA**, Sta. Cruz do Sul, v. 26, n. 35/36, p. 106-121, jan/dez. 2002.
- MONTICELLI, G. **Arqueologia em obras de Engenharia: uma crítica aos contextos**. 2005. 404 p. Tese (Doutorado Internacional em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- MONTICELLI, G.; BROCHADO, J. P. e DOMIKS, J. Arqueologia de Salvamento na Usina Hidrelétrica Machadinho: pesquisas 1997/98. In: KERN, A. A. **O povoamento do Rio da Prata**. Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos, 3. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. 1 Cd-rom.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Vocabulario y Tesoro de la lengua Guaraní ó mas bien Tupí**. Paris: Maisonneuve, 1876.
- NAUE, G.; BROCHADO, J. P. e MONTICELLI, G. Arqueologia de salvamento no Rio Uruguai (RS e SC). Painel. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 4, 1991, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 1991.
- NOELLI, F. da S. **Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do Jacuí/RS**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre: PUCRS, 1993.
- NOELLI, F. da S. A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1827-2000. **Revista USP**, n. 44, p. 218-269, 1999/2000.
- NOELLI, F. S.; SOARES, A. Para uma história das epidemias entre os Guarani. **Diálogos**, Maringá, v. 1, p. 165-178, 1997.
- PROGRAMA PARA O SALVAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL, RIO URUGUAI, ÁREA MACHADINHO. Relatório. Porto Alegre: PUCRS, 1988/1989. 7v. 1.455p.
- PROJETO Arqueológico Uruguai. Levantamento de Sítios Arqueológicos na Área de Inundação das Barragens de Machadinho e Itá, Santa Catarina - Rio Grande do Sul. [Florianópolis]: Universidade Federal de Santa Catarina/Fundação de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária/Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A. (ELETROSUL), 1980.



PROUS, A. A pintura em cerâmica Tupiguarani. **Ciência Hoje**: v. 36, n. 213, p. 22-28., mar. 2005.

RELATÓRIO Parcial: Arqueologia de Salvamento na área da UHE de Machadinho. Porto Alegre: MCT/PUCRS, 1998. 40 p.

RELATÓRIO Técnico Semestral: Salvamento Arqueológico nas áreas do canteiro de obras e estruturas da UHE Machadinho (Fases I e II): atividades de campo. Porto Alegre: MCT/PUCRS, 1998. 193 p., incluindo anexos.

RELATÓRIO Técnico Semestral: Salvamento Arqueológico nas áreas do canteiro de obras e estruturas da UHE Machadinho (Fases I e II): análises de laboratório e primeiros resultados. Porto Alegre: MCT/PUCRS, 1999. 315 p.

RICKEN, Cláudio. **Estudos dos restos de peixes dos sítios arqueológicos da área de influência da Usina Hidrelétrica Machadinho, RS, Brasil**. 2002. 61 f. Dissertação (Mestrado em Biologia). Instituto de Biociências, Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RODRIGUES, Robson A.; AFONSO, Marisa C. Um olhar etnoarqueológico para a ocupação Guarani no Estado de São Paulo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 155-173, dez. 2002.

SALVAMENTO Arqueológico UHE Machadinho - Fase III - Reservatório. Porto Alegre: MCT/PUCRS, janeiro de 2001. v. 4: análises do material cerâmico pré-histórico e material histórico.

SCHAAN, Denise. **A linguagem iconográfica da Cerâmica Marajoara**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. (Coleção Arqueologia, 3).

SILVA, Fabíola Andréa. As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 30, p. 57-73, jul/dez 1999.

SYMANSKY, Luiz Cláudio. Austeridade e limitações do cotidiano: as louças dos primeiros colonizadores da região da UHE Machadinho (RS). In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 10, 1999. Recife. **Anais...** Recife, 1999. Comunicação e resumo.

SOARES, A. Propostas para a delimitação dos cacicados Guarani. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 24, p. 37-64, 1996.

SOARES, A. L. R. **Guarani**: organização social e arqueologia. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1997. 256 p.

SOARES, A. L. R. **Contribuição a Arqueologia Guarani**: estudo do Sítio Ropke. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2005.

TARBLE, Kay. **El estilo cerámico**: su definición, análisis y rol en el estudio de las culturas prehistóricas. Comparación estilística de dos colecciones cerámicas del Noroeste de Venezuela: una nueva metodología. Caracas: [s.n.], 1982.

TOCHETTO, Fernanda Bordin. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica guarani. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, São Paulo, n. 6, p. 33-45, 1996.

VISTORIA arqueológica na área de implantação da Usina Hidrelétrica Machadinho. Relatório Final (Patrimônio Arqueológico na área de implantação da UHE Machadinho). Porto Alegre: MCT/PUCRS, 1997.

Recebido: 30/10/2006
Aprovado: 03/04/2007

